

ÉDOUARD SCHURÉ

HISTÓRIA OCULTA DO MUNDO

A alma é a chave do Universo

Tradução de
Manuel de Oliveira

alma
dos livros

EM MEMÓRIA DE
MARGHERITA ALBANA MIGNATY

Sem ti, ó grande alma amada!, este livro jamais teria visto a luz do dia. Tu incubaste-o com a tua chama poderosa, alimentaste-o com a tua dor, abençoaste-o com uma esperança divina. Tinhas a Inteligência que vê o Belo e o Verdadeiro eternos acima das realidades efémeras; tinhas a Fé que move montanhas; tinhas o Amor que desperta e cria almas; o teu entusiasmo ardia como um fogo radioso.

E agora apagaste-te e desapareceste. Com uma asa escura, a Morte levou-te para o grande Desconhecido... Mas ainda que o meu olhar já não consiga alcançar-te, sei que estás mais viva do que nunca! Do seio da luz celeste que bebes, liberta das correntes terrenas, não deixaste de acompanhar a minha obra, senti o teu raio fiel a velar até ao fim, até à sua eclosão predestinada.

Se algo de mim devesse sobreviver entre os nossos irmãos, neste mundo onde tudo é passageiro, gostaria que fosse este livro, o testemunho de uma fé conquistada e partilhada. Como um archote de Elêusis, ornado de cipreste negro e de narciso estrelado, dedico-o à Alma alada Daquela que me conduziu até às profundezas dos Mistérios, para que ele propague o fogo sagrado e anuncie a Aurora da grande Luz!

ÍNDICE

Introdução - Sobre a Doutrina Esotérica.....	11
Livro Primeiro - RAMA.....	27
1 - As Raças Humanas e as Origens da Religião	29
2 - A Missão de Rama	41
3 - O Êxodo e a Conquista.....	47
4 - O Testamento do Grande Antepassado.....	52
5 - A Religião Védica.....	56
Livro Segundo - KRISHNA	63
Um - A Índia Heroica, os Filhos do Sol e os Filhos da Lua ..	65
Dois - O Rei de Madurai.....	70
Três - A Virgem Devac.....	74
Quatro - A Juventude de Krishna.....	79
Cinco - Iniciação	86
Seis - A Doutrina dos Iniciados	94
Sete- O Triunfo e a Morte.....	99
Oito - Irradiação do Verbo Solar	110
Livro Terceiro - HERMES.....	115
Um - A Esfinge.....	117
Dois - Hermes.....	121
Três - Ísis. A Iniciação. As Provas.....	127
Quatro - Osíris. A Morte E A Ressurreição.....	135
Cinco - A Visão de Hermes	140

Livro Quarto - MOISÉS.....	149
Um - A Tradição Monoteísta e os Patriarcas do Deserto....	151
Dois - Iniciação de Moisés no Egito. A Fuga para a Casa de Jetro.....	159
Três - O Sefer Bereshit	167
Quatro - A Visão do Sinai.....	180
Cinco - O Êxodo. O Deserto. Magia e Teurgia	183
Seis - A Morte de Moisés.....	193
 Livro Quinto - ORFEU	 197
Um - A Grécia Pré-Histórica. As Bacantes. Aparição de Orfeu	199
Dois - O Templo de Júpiter.....	207
Três - Festa Dionisíaca no Vale de Tempe	212
Quatro - Evocação	218
Cinco - A Morte de Orfeu	224
 Livro Sexto - PITÁGORAS.....	 233
Um - A Grécia no Século VI	235
Dois - Os Anos de Viagem	240
Três - O Templo de Delfos. A Ciência Apolínea. A Teoria da Adivinhação. A Pitonisa Teocleia	251
Quatro - A Ordem e a Doutrina	268
Cinco - A Família de Pitágoras. A Escola e os Seus Destinos	322
 Livro Sétimo - PLATÃO.....	 333
Um - A Juventude de Platão e a Morte de Sócrates.....	337
Dois - A Iniciação de Platão e a Filosofia Platónica	345
Três - Os Mistérios de Elêusis.....	353
 Livro Oitavo - JESUS	 369
Um - A Situação do Mundo Aquando do Nascimento de Jesus.....	373
Dois - Maria. Primeiro Desenvolvimento de Jesus	383
Três - Os Essénios. João Batista. A Tentação	391

Quatro - A Vida Pública de Jesus. O Ensino	
Popular e o Ensino Esotérico. As Curas.	
Os Apóstolos e as Mulheres	405
Cinco - Luta com os Fariseus. A Fuga para Cesareia.	
A Transfiguração	416
Seis - Última Viagem a Jerusalém. A Promessa. A Ceia.	
O Processo. A Morte e a Ressurreição	426
Sete - A Realização da Promessa. O Templo	451

Introdução

SOBRE A DOCTRINA ESOTÉRICA

Estou convencido de que chegará o dia em que o fisiologista, o poeta e o filósofo falarão a mesma língua e todos se entenderão.

CLAUDE BERNARD

O maior mal do nosso tempo está no facto de a Ciência e a Religião se apresentarem como forças inimigas e irreduzíveis. Um mal intelectual ainda mais pernicioso por vir de cima e por se infiltrar de modo insidioso, mas seguro, em todas as mentes, como um veneno subtil que respiramos no ar. Ora, qualquer mal da inteligência torna-se, a longo prazo, num mal da alma e, a seguir, num mal social.

Enquanto se limitou a afirmar ingenuamente a fé cristã no seio de uma Europa ainda meio bárbara, como aconteceu na Idade Média, o cristianismo foi a maior das forças morais; formou a alma do Homem moderno. — Enquanto, abertamente reconstituída no século XVI, apenas reivindicou os direitos legítimos da razão e a sua liberdade ilimitada, a ciência experimental foi a maior das forças intelectuais; renovou a face da Terra, libertou o Homem de correntes seculares e munuiu a mente humana de alicerces indestrutíveis.

Contudo, desde que a Igreja, ao deixar de conseguir provar o seu dogma primário perante as objeções da Ciência, se fechou nele como numa casa sem janelas, opondo a fé à razão como um mandamento

absoluto e indiscutível; desde que a Ciência, inebriada pelas suas descobertas no mundo físico, abstraindo-se do mundo psíquico e intelectual, se tornou agnóstica no seu método, materialista nos seus princípios e no seu objetivo; desde que a Filosofia, desorientada e impotente entre ambas, abdicou de certo modo dos seus direitos, para cair num ceticismo transcendente, deu-se uma cisão profunda na alma da sociedade e na dos indivíduos. Este conflito, inicialmente necessário e útil, pois estabeleceu os direitos da Razão e da Ciência, acabou por tornar-se uma causa de impotência e de dessecação. A Religião e a Espiritualidade respondem às necessidades do coração, daí a sua magia eterna; a Ciência, às necessidades da mente, daí a sua força invencível. No entanto, há muito tempo que estas forças deixaram de conseguir entender-se. A Religião sem prova e a Ciência sem esperança estão de pé, frente a frente, e desafiam-se sem poder vencer-se.

Daí uma contradição profunda, uma guerra oculta, não só entre o Estado e a Igreja, mas também na Ciência em si, no seio de todas as Igrejas e até na consciência de todos os indivíduos pensantes. Pois, quem quer que sejamos, seja qual for a corrente filosófica, estética e social à qual pertencamos, carregamos em nós estes dois mundos inimigos, aparentemente irreconciliáveis, que nascem de duas necessidades inabaláveis do Homem: a necessidade científica e a necessidade religiosa. Esta situação, que se arrasta há mais de cem anos, certamente não deixou de contribuir bastante para o desenvolvimento das faculdades humanas, colocando-as umas contra as outras. Inspirou na poesia e na música relevos de um patetismo e de uma grandiosidade inauditos. Contudo, atualmente, a tensão prolongada e hiperaguda produziu o efeito contrário. À semelhança do abatimento que se segue à febre numa doença, transformou-se em marasmo, em aversão, em impotência. A Ciência dedica-se apenas ao mundo físico e material; a Filosofia moral perdeu o domínio das inteligências; a Religião continua, em certa medida, a governar as massas, mas deixou de reinar sobre os cumes sociais; ainda grande pela caridade, já não irradia pela fé. Os guias intelectuais do nosso tempo são incrédulos ou céticos perfeitamente sinceros e leais. No entanto, duvidam da sua arte e olham-se sorrindo como os áugures romanos. Em público, em privado, predizem as catástrofes sociais sem encontrar remédio ou envolvem os seus oráculos sombrios em eufemismos prudentes. Sob tais auspícios,

a literatura e a arte perderam o sentido do divino. Desacostumada dos horizontes eternos, uma grande parte da juventude caiu naquilo a que os seus novos mestres chamam naturalismo, degradando assim o belo nome da Natureza. Pois aquilo a que aplicam este vocábulo não é mais do que a apologia dos instintos vis, a decadência do vício ou a representação complacente das nossas banalidades sociais, em suma, a negação sistemática da alma e da inteligência. E a pobre Psique, ao ter perdido as asas, geme e suspira estranhamente no âmago daqueles que a insultam e a negam.

À força de materialismo, de positivismo e de ceticismo, chegou-se neste fim de século a uma ideia falsa da Verdade e do Progresso.

Para os nossos sábios que, com uma precisão maravilhosa e resultados admiráveis, praticam o método experimental de Bacon para o estudo do Universo visível, a Verdade é uma ideia totalmente exterior e material. Julgam que nos aproximamos dela quanto maior for o número de factos acumulados. Na sua área, têm razão. A gravidade disto é que os nossos filósofos e os nossos moralistas acabaram por se convencer do mesmo. Por este motivo, é certo que as causas primordiais e os derradeiros fins permanecerão para sempre impenetráveis à mente humana. Pois, suponhamos que soubéssemos exatamente o que se passa, a nível material, em todos os planetas do sistema solar, o que, diga-se de passagem, seria uma magnífica base de orientação; suponhamos até que soubéssemos que tipo de habitantes existem em Sírio e em muitas estrelas da Via Láctea. Não há dúvida de que seria maravilhoso saber tudo isto, mas ficaríamos a saber mais sobre a totalidade do nosso aglomerado estelar, para não falar da nebulosa de Andrómeda e das Nuvens de Magalhães? – Isto faz com que os nossos tempos concebam o desenvolvimento da Humanidade como a caminhada eterna para uma verdade indefinida, indefinível e para sempre inacessível.

Eis a concepção da filosofia positivista de Auguste Comte e de Herbert Spencer que prevaleceu nos nossos dias.

Ora, a Verdade era algo de completamente diferente para os sábios e os teósofos do Oriente e da Grécia. Eles sabiam certamente que não podemos abraçá-la e equilibrá-la sem um conhecimento sumário do mundo físico, mas sabiam também que ela reside, acima de tudo, em nós próprios, nos princípios intelectuais e na vida espiritual da

alma. Para eles, a alma era a única, a divina realidade e a chave do Universo. Indo buscar a sua vontade ao seu âmago, desenvolvendo as suas faculdades latentes, alcançavam esse centro vivo ao qual chamavam Deus, cuja luz faz compreender os homens e os seres. Para eles, aquilo que designamos por Progresso, ou seja, a História do mundo e dos homens, era somente a evolução no tempo e no espaço dessa Causa central e desse Fim derradeiro. – E julgam talvez que estes teósofos foram unicamente contemplativos, sonhadores impotentes, faquires empoleirados nos seus pilares? Não. O mundo não conheceu homens de mais ação, no sentido mais fecundo, mais incalculável, do termo. Brilham como estrelas de primeira grandeza no céu das almas. Chamam-se Krishna, Buda, Zoroastro, Hermes, Moisés, Pitágoras, Jesus, e foram poderosos moldadores de mentes, extraordinários estimuladores de almas, salutares organizadores de sociedades. Vivendo apenas para a sua ideia, sempre prontos a morrer, e sabendo que a morte pela Verdade é o ato eficaz e supremo, criaram as ciências e as religiões, e conseqüentemente as letras e as artes, cujo sumo continua a alimentar-nos e a fazer-nos viver. E o que está a produzir o positivismo e o ceticismo nos nossos dias? Uma geração seca, sem ideal, sem luz e sem fé, que não acredita na alma nem em Deus, nem no futuro da Humanidade, nem nesta vida nem na outra, sem energia na vontade, duvidando de si própria e da liberdade humana.

«Será pelos seus frutos que os julgareis», disse Jesus. Estas palavras do Mestre dos mestres aplicam-se tanto às doutrinas quanto aos homens. Sim, este pensamento impõe-se: ou a verdade jamais será acessível ao Homem ou foi possuída em larga medida pelos maiores sábios e pelos primeiros iniciadores da Terra. Encontra-se, então, no fundo de todas as grandes religiões e nos livros sagrados de todos os povos. Apenas é necessário saber descobri-la neles e deles a extrair.

Se observarmos a História das Religiões com os olhos abertos por esta verdade central que só a iniciação interior pode dar, ficamos simultaneamente surpreendidos e maravilhados. O que vemos então em nada se assemelha aos ensinamentos da Igreja, que limita a revelação ao cristianismo e a admite somente no seu sentido primário. Mas também em nada se assemelha aos ensinamentos da ciência puramente naturalista na nossa Universidade. A ciência, contudo, posiciona-se numa perspectiva mais alargada. Dispõe todas as religiões na mesma

linha e aplica-lhes um método único de investigação. A sua erudição é profunda, o seu zelo, admirável, mas ainda não se elevou *ao ponto de vista do esoterismo comparado*, que mostra a História das Religiões e da Humanidade por um prisma inteiramente novo. A partir deste nível, eis o que vislumbramos:

Todas as grandes religiões têm uma história exterior e uma história interior; uma aparente e uma outra escondida. Por «história exterior» entendo os dogmas e os mitos ensinados publicamente nos templos e nas escolas, reconhecidos no culto e nas superstições populares. Por «história interior» entendo a ciência profunda, a doutrina secreta, a ação oculta dos grandes iniciados, profetas ou reformadores que criaram, apoiaram e divulgaram estas mesmas religiões. A primeira, a História oficial, aquela que se lê em toda a parte, passa-se à luz do dia; não deixa, no entanto, de ser obscura, confusa, contraditória. A segunda, à qual chamo tradição esotérica, ou a doutrina dos Mistérios, é muito difícil de deslindar. Porque se passa no fundo dos templos, nas confrarias secretas, e os seus dramas mais impressionantes desenrolam-se totalmente na alma dos grandes profetas, que não confiaram a nenhum pergaminho nem a nenhum discípulo as suas crises supremas, os seus êxtases divinos. É preciso adivinhá-la. Mas, quando conseguimos vê-la, ela apresenta-se luminosa, orgânica, sempre em harmonia consigo própria. Poderíamos chamar-lhe também a História da Religião Eterna e Universal. Nela se mostra o que há por baixo das coisas, o *lado direito* da consciência humana, do qual a História só oferece o *lado do avesso* laborioso. Aí captamos o ponto gerador da Religião e da Filosofia que se reúnem no outro extremo da elipse através da ciência integral. Este ponto corresponde às verdades transcendentais. Aí encontramos a causa, a origem e o fim do prodigioso trabalho dos séculos, a Providência nos seus agentes terrestres. Esta História é a única que abordei neste livro.

Para a raça ariana, o germe e o núcleo encontram-se nos Vedas. A sua primeira cristalização histórica surge na doutrina trinitária de Krishna, que confere ao bramanismo o seu poder, à religião da Índia a sua marca indelével. Buda, que, segundo a cronologia dos brâmanes, seria dois mil e quatrocentos anos posterior a Krishna, apenas mostra uma outra face da doutrina oculta, a da metempsicose e da série de existências encadeadas pela lei do Karma. Embora o budismo tenha

sido uma revolução democrática, social e moral contra o bramanismo aristocrático e sacerdotal, o seu fundo metafísico é o mesmo, mas menos completo.

A antiguidade da doutrina sagrada não é menos evidente no Egito, cujas tradições remontam a uma civilização muito anterior ao aparecimento da raça ariana no palco da História. Era legítimo supor, até aos últimos tempos, que o monismo trinitário apresentado nos livros gregos de Hermes Trismegisto constituía uma compilação da Escola de Alexandria sob a influência dupla do judeu-cristianismo e do neoplatonismo. De comum acordo, crentes ou não-crentes, historiadores e teólogos não cessaram de o afirmar até hoje. Ora, esta teoria cai atualmente por terra, perante as descobertas da epigrafia egípcia. A autenticidade fundamental dos livros de Hermes enquanto documentos da sabedoria antiga do Egito ressalta, triunfante, dos hieróglifos explicados. Não só as inscrições nas estelas de Tebas e de Mênfis confirmam toda a cronologia de Manetão, como demonstram que os sacerdotes de Ámon-Rá professavam a alta metafísica que era ensinada de outras formas nas margens do Ganges¹. Aqui, podemos dizer com o profeta hebreu que «a pedra fala e a parede solta o seu grito». Pois, à semelhança do «sol da meia-noite» que reluzia, diz-se, nos Mistérios de Ísis e de Osíris, o pensamento de Hermes, a antiga doutrina do verbo solar reacendeu-se nos túmulos dos reis e brilha até nos papiros do Livro dos Mortos, guardados por múmias com quatro mil anos.

Na Grécia, o pensamento esotérico é simultaneamente mais visível e mais críptico do que no resto do mundo; é mais visível, porque se representa por meio de uma mitologia humana e encantadora, porque corre como um sangue ambrosiano nas veias desta civilização e jorra por todos os poros dos seus deuses como um perfume e um orvalho celestes. Por outro lado, o pensamento profundo e científico, que presidiu à conceção de todos estes mitos, é amiúde mais difícil de assimilar devido à sua própria sedução e aos embelezamentos acrescentados pelos poetas. Contudo, os princípios sublimes da teosofia dórica e da sabedoria délfica estão inscritos com letras de ouro nos fragmentos órficos e na síntese pitagórica, e também na vulgarização dialética e

¹ Ver as belas obras de François Lenormant e do Sr. [Gaston] Maspero.

um pouco fantasista de Platão. A Escola de Alexandria fornece-nos finalmente chaves úteis. Pois foi a primeira a publicar parcialmente e a comentar o sentido dos Mistérios, no meio do abrandamento da religião grega e perante o cristianismo crescente.

A tradição oculta de Israel, que procede em simultâneo do Egito, da Caldeia e da Pérsia, chegou até nós de formas estranhas e obscuras, mas em toda a sua profundidade e extensão, através da Cabala ou por tradição oral, desde o *Zohar* e o *Sefer Yetzirah*, atribuído a Shimon bar Yochai, até aos comentários de Maimónides. Misteriosamente encerrada no Génesis e na simbólica dos profetas, destaca-se com evidência do admirável trabalho de Fabre d'Olivet sobre a língua hebraica restituída, que tende a reconstruir a verdadeira cosmogonia de Moisés, de acordo com o método egípcio, segundo o triplo sentido de cada versículo e de quase cada palavra dos primeiros dez capítulos do Génesis.

Quanto ao esoterismo cristão, irradia de si próprio nos Evangelhos iluminados pelas tradições essénias e gnósticas. Jorra como que de uma fonte viva da palavra de Cristo, das Suas parábolas, do próprio fundo dessa alma incomparável e verdadeiramente divina. Ao mesmo tempo, o Evangelho de São João dá-nos as chaves do ensinamento íntimo e superior de Jesus com o sentido e o alcance da sua promessa. Reencontramos aí a doutrina da Trindade e do Verbo divino já ensinada ao longo de milhares de anos nos templos do Egito e da Índia, mas reforçada, personificada pelo príncipe dos iniciados, pelo mais grandioso dos filhos de Deus.

A aplicação do método que designei por Esoterismo Comparado com a História das Religiões leva-nos, assim, a um resultado de grande importância, que se resume ao seguinte: a antiguidade, a continuidade e a unidade essencial da doutrina esotérica. Há que reconhecer que se trata de um facto bastante notável. Pois pressupõe que os sábios e os profetas das mais diversas épocas chegaram a conclusões de fundo idênticas, embora diferentes na forma, sobre as verdades originais e finais – e isto sempre pela mesma via da iniciação interior e da meditação. Acrescentemos que estes sábios e estes profetas foram os maiores benfeitores da Humanidade, os salvadores cuja força redentora arrancou os homens do abismo da natureza inferior e da negação.

Assim, não deveríamos dizer que existe, segundo a expressão de Leibniz, uma espécie de filosofia eterna, *perennis quaedam philosophia*, que constitui a ligação primordial da ciência e da religião, e a sua unidade final?

A teosofia antiga professada na Índia, no Egito e na Grécia constituía uma verdadeira enciclopédia, dividida geralmente em quatro categorias: 1. *a Teogonia*, ou ciência dos princípios absolutos, idêntica à *ciência dos Números* aplicada ao Universo, ou as matemáticas sagradas; 2. *a Cosmogonia*, realização dos princípios eternos no espaço e no tempo, ou *involução* do espírito na matéria; períodos do mundo; 3. *a Psicologia*; constituição do Homem; *evolução* da alma por via da cadeia das existências; 4. *a Física*, ciência dos reinos da natureza terrestre e das suas propriedades. – O método indutivo e o método experimental combinavam-se e controlavam-se um ao outro nestas ciências de ordem diversa, e a cada uma delas correspondia uma arte. Eram, tomando-se pela ordem inversa e começando pelas ciências físicas: 1. uma *Medicina especial* baseada no conhecimento das propriedades ocultas dos minerais, das plantas e dos animais; a *Alquimia*, ou transmutação dos metais, desintegração e reintegração da matéria pelo agente universal, arte praticada no Egito Antigo segundo Olimpodoro e por este chamada crisopeia e argiropeia, fabrico de ouro e de prata; 2. as *Artes psicúrgicas*, correspondentes às forças da alma: magia e adivinhação; 3. a *Genetliaca celeste*, ou astrologia, ou a arte de descobrir a relação entre o destino dos povos ou dos indivíduos e os movimentos do Universo marcados pelas revoluções dos astros; 4. a *Teurgia*, a arte suprema do mago, tão rara quanto perigosa e difícil, a de pôr a alma em contacto consciente com as diversas ordens de espíritos e agir sobre eles.

Constatamos que tanto as ciências como as artes se encontravam ligadas a esta teosofia e resultavam de um mesmo princípio, ao qual chamarei, em linguagem moderna, *o monismo intelectual, a espiritualidade evolutiva e transcendente*. Podemos formular, como se segue, os princípios essenciais da doutrina esotérica: – A mente é a única realidade. A matéria é apenas a sua expressão inferior, mutável, efémera, a sua dinâmica no espaço e no tempo. – A criação é eterna e contínua como a vida. – O microcosmo-Homem é, pela sua constituição ternária (mente, alma, corpo), a imagem e o reflexo

do macrocosmo-Universo (mundo divino, humano e natural), que é, ele próprio, o órgão do Deus inefável, do Espírito absoluto, o qual é, pela sua natureza, Pai, Mãe e Filho (essência, substância e vida). – Eis porque o Homem, imagem de Deus, pode tornar-se o Seu verbo vivo. A gnose ou a mística racional de todos os tempos é a arte de encontrar Deus em si próprio, desenvolvendo as profundezas ocultas, as faculdades latentes da consciência. – A alma humana, a individualidade é imortal por essência. O seu desenvolvimento dá-se num plano ora descendente, ora ascendente, através de existências alternativamente espirituais e corporais. – A reencarnação é a lei da sua evolução. Ao alcançar a sua perfeição, escapa dela e regressa ao Espírito puro, a Deus na plenitude da sua consciência. Tal como a alma se eleva acima da lei da luta pela vida quando toma consciência da sua humanidade, eleva-se igualmente acima da lei da reencarnação ao tomar consciência da sua divindade.

As perspectivas que se abrem na linha da teosofia são imensas, principalmente se as compararmos com o horizonte estreito e desolador no qual o materialismo encerra o Homem, ou com os dados infantis e inaceitáveis da teologia clerical. Ao vislumbrá-las pela primeira vez, sentimos o deslumbramento, a emoção do infinito. Os abismos do Inconsciente abrem-se em nós próprios, mostram-nos o abismo do qual saímos, as alturas vertiginosas às quais aspiramos. Radiantes com esta imensidão, mas assustados com a viagem, pedimos para deixarmos de ser; apelamos ao *Nirvana*! Depois apercebemo-nos de que esta fraqueza não é mais do que o cansaço do marinheiro pronto a largar o remo no meio da tempestade. Alguém disse: o homem nasceu na base de uma onda e nada sabe sobre o vasto oceano que se estende atrás dele e diante de si. Isto é verdade; mas a mística transcendente empurra o nosso barco para o fio de uma lâmina e, aí, ainda açoitados pela fúria da tormenta, sentimos o seu ritmo grandioso; e o olhar, medindo a abóbada celeste, descansa na calma do céu azul.

A surpresa cresce se, ao regressarmos às ciências modernas, constarmos que, desde Bacon e Descartes, tendem involuntariamente, mas com maior convicção, a regressar aos dados da Teosofia antiga. Sem abandonar a hipótese dos átomos, a Física moderna chegou insensivelmente a identificar o conceito de matéria com o conceito de força, o que é um passo em direção ao dinamismo espiritual. Para explicar

a luz, o magnetismo, a eletricidade, os sábios tiveram de admitir uma matéria subtil e absolutamente imponderável, que preenche o espaço e penetra em todos os corpos, uma matéria à qual chamaram éter, o que constitui um passo para a ideia teosófica antiga da *alma do mundo*. Quanto à impressionabilidade, à docilidade inteligente desta matéria, resulta de uma experiência recente, que prova a transmissão do som pela luz². De todas as ciências, aquelas que mais parecem ter comprometido a Espiritualidade são a Zoologia Comparada e a Antropologia. Na verdade, tê-la-ão ajudado, ao mostrar a lei e o modo de intervenção do mundo inteligível no mundo animal. Darwin pôs fim à ideia infantil da criação segundo a Teologia primária. Nesse aspeto, apenas regressou às ideias da Teosofia antiga. Já Pitágoras dissera: «O homem é parente do animal.» Darwin mostrou as leis às quais a Natureza obedece para executar o plano divino, leis instrumentárias que são a luta pela sobrevivência, a hereditariedade e a seleção natural. Provou a variabilidade das espécies, reduziu o seu número e estabeleceu a sua categorização. Contudo, os seus discípulos, os teóricos do transformismo absoluto que quiseram fazer sair todas as espécies de um único protótipo e fazer depender o seu aparecimento somente das influências dos meios, forçaram os factos em favor de uma conceção puramente externa e materialista da Natureza. Não, os meios não explicam as espécies, tal como as leis da Física não explicam as leis da Química, nem a Química explica o princípio evolutivo do vegetal, nem este explica o princípio evolutivo dos animais. Quanto às grandes famílias de animais, estas correspondem aos tipos eternos da Vida, assinaturas do Espírito, que marcam a escala da consciência. O aparecimento dos mamíferos após os répteis e as aves não tem a sua razão de ser numa alteração do meio terrestre; esta é apenas a condição, que supõe uma nova embriogenia e, conseqüentemente, uma nova força intelectual e anímica em ação no interior e na base da Natureza, à qual chamamos o Além relativamente à percepção dos sentidos. Sem esta força intelectual e anímica, não se explicaria sequer

² Experiência de Bell. Deixa-se cair um feixe de luz sobre uma placa de selénio, que o reflete à distância para uma outra placa do mesmo metal. Esta comunica com uma pilha galvânica à qual se adapta um telefone. As palavras pronunciadas atrás da primeira placa ouvem-se distintamente no telefone que se segue à segunda placa. O feixe de luz serviu, então, de fio telefónico. As ondas sonoras transformaram-se em ondas luminosas, e estas, em ondas galvânicas que, por sua vez, se transformaram novamente em ondas sonoras.

o aparecimento de uma célula organizada no mundo inorgânico. Por fim, o Homem, que resume e coroa a série de seres, revela todo o pensamento divino pela harmonia dos órgãos e da perfeição da forma, efígie viva da Alma universal, da Inteligência ativa. Condensando no seu corpo todas as leis da evolução e toda a Natureza, domina-a e eleva-se acima dela, para entrar através da consciência e da liberdade no reino infinito do Espírito.

A Psicologia experimental fundamentada na Fisiologia, que desde o início do século [XX] tende a voltar a ser uma ciência, conduziu os sábios contemporâneos ao limiar de um outro mundo, o mundo próprio da alma, no qual, sem que as analogias deixem de existir, reinam novas leis. Ouço falar dos estudos e das constatações médicas deste século sobre o magnetismo animal, sobre o sonambulismo e sobre todos os estados de espírito diferentes dos do dia anterior, desde o sono lúcido, passando pela visão dupla, até ao êxtase. Até agora, a ciência moderna tem andado apenas às apalpadelas nesta área, na qual a ciência dos templos antigos soubera orientar-se, pois possuía os princípios e as chaves necessárias. É também verdade que descobriu nela toda uma ordem de factos que lhe pareceram espantosos, maravilhosos, inexplicáveis, pois contradizem claramente as teorias materialistas sob o império das quais ela se habituou a pensar e a realizar experiências. Nada é mais instrutivo do que a incredulidade indignada de certos sábios materialistas perante todos os fenómenos que tendem a provar a existência de um mundo invisível e espiritual. Atualmente, alguém que se pronuncie sobre a existência da alma escandaliza a ortodoxia do ateísmo, tal como dantes se escandalizava a ortodoxia da Igreja com a negação de Deus. É verdade que, ao fazê-lo, já não se arrisca a vida, mas arrisca-se a reputação. – De qualquer modo, o que resulta do fenómeno mais simples de sugestão mental à distância e por via do pensamento puro, fenómeno mil vezes constatado nos anais do magnetismo³, é um mundo de ação da mente e da vontade exterior às leis físicas e ao mundo visível. Portanto, abre-se a porta do Invisível. Nos fenómenos elevados do sonambulismo, este mundo abre-se por completo. Contudo, fico-me por aqui quanto àquilo que é constatado pela ciência oficial.

Se passarmos da Psicologia experimental e objetiva para a Psicologia íntima e subjetiva do nosso tempo, que se exprime na

³ Ver o magnífico livro do Sr. [Julian] Ochorowitz sobre *a sugestão mental*.

poesia, na música e na literatura, verificaremos que estão imbuídas de um forte esoterismo inconsciente. Nunca a aspiração à vida espiritual, ao mundo invisível, reprimida pelas teorias materialistas dos sábios e pela opinião mundana, foi mais séria e mais real. Encontramos essa aspiração no arrependimento, na dúvida, nas melancolias negras, e até nas blasfêmias dos nossos romancistas naturalistas e dos nossos poetas decadentes.

Nunca a alma humana teve um sentimento mais profundo da insuficiência, da desgraça, da irreabilidade da sua vida atual; nunca aspirou tão ardentemente ao Além invisível, sem conseguir acreditar nele. Por vezes, a sua própria intuição consegue formular verdades transcendentais que não fazem parte do sistema admitido pela sua razão, que contradizem as suas opiniões superficiais e que representam raios de luz involuntários da sua consciência oculta. Para o provar, citarei a afirmação de um dos raros pensadores que experienciaram toda a amargura e toda a solidão moral desta época. «Cada esfera do ser», diz Frédéric Amiel, «tende a uma esfera mais elevada e possui já dela revelações e pressentimentos. O ideal, sob todas as suas formas, é a antecipação, a visão profética dessa existência superior à sua, à qual cada ser sempre aspira. Essa existência de dignidade superior é, pela sua natureza, mais interior, ou seja, mais espiritual. Tal como os vulcões nos trazem os segredos do interior do globo, o entusiasmo e o êxtase são explosões passageiras desse mundo interior da alma, e a vida humana mais não é do que a preparação e a ascensão para essa vida espiritual. Os graus da iniciação são inúmeros. Assim, discípulo da vida, crisálida de um anjo, vela e trabalha pela tua eclosão futura, pois a Odisseia divina é apenas uma série de metamorfoses cada vez mais etéreas, na qual cada forma, resultante das anteriores, é condição para aquelas que se seguem. A vida divina é constituída por uma série de mortes sucessivas, nas quais o espírito descarta as suas imperfeições e os seus símbolos, e cede à atração crescente do centro de gravitação inefável, do sol da inteligência e do amor.» Habitualmente, Amiel era somente um hegeliano muito inteligente, bem como um moralista superior. No dia em que escreveu estas linhas inspiradas, foi profundamente teósofo. Pois não saberíamos exprimir de um modo mais apaixonante e mais luminoso a própria essência da verdade esotérica.

Estas ideias gerais bastam para demonstrar que a ciência e o espírito moderno se preparam, sem o saber e sem o querer, para uma reconstituição da teosofia antiga com instrumentos mais exatos e com fundamentos mais sólidos. Segundo Lamartine, a Humanidade é um tecelão que trabalha para trás na trama dos tempos. Chegará o dia em que, ao passar para o outro lado do tecido, ela contemplará o magnífico e grandioso quadro que terá tecido com as próprias mãos, ao longo de séculos, sem ver outra coisa senão a confusão dos fios emaranhados do avesso. Nesse dia, saudará a Providência manifestada em si própria. E então confirmar-se-ão as palavras de um escrito hermético contemporâneo, e estas não irão parecer demasiado audaciosas àqueles que penetraram com profundidade suficiente nas tradições ocultas para adivinhar a sua maravilhosa unidade: «A doutrina esotérica não é somente uma ciência, uma filosofia, uma moral, uma religião. Ela é a ciência, a filosofia, a moral e a religião, das quais todas as outras mais não são do que preparações ou degenerescências, expressões parciais ou falseadas, conforme se encaminhem para elas ou delas se desviem.»⁴

Longe de mim a pretensão de ter dado uma demonstração completa desta ciência das ciências. Para tal, seria preciso nada mais nada menos que o edifício das ciências conhecidas e desconhecidas, reconstituídas no seu quadro hierárquico e reorganizadas dentro do espírito do esoterismo. Tudo o que espero ter provado é que a doutrina dos Mistérios se encontra na origem da nossa civilização; que ela criou as grandes religiões, tanto as arianas como as semitas; que o cristianismo conduz para ela a espécie humana por inteiro por via da sua reserva esotérica e que a ciência moderna tende providencialmente para ela pelo conjunto do seu andamento; e que, por fim, todos deverão reunir-se lá, como que num porto de junção, e aí encontrar a sua síntese.

Podemos dizer que, em todo o lado onde exista um qualquer fragmento da doutrina esotérica, ela existe aí virtualmente na sua integridade. Pois cada uma das suas partes pressupõe ou engendra as outras. Os grandes sábios, os verdadeiros profetas, todos eles a possuíram, e os do futuro irão possuí-la tal como os do passado. A luz pode ser mais ou menos intensa, mas é sempre a mesma luz. A forma, os detalhes e as aplicações podem variar infinitamente; os fundamentos, ou seja, os

⁴ *The Perfect Way of Finding Christ*, de Anna Kingsford e [Edward] Maitland, Londres, 1882.

princípios e o fim, jamais. – Neste livro, encontraremos também uma espécie de desenvolvimento gradual, de revelação sucessiva da doutrina nas suas diversas partes, e isto por meio dos grandes iniciados, cada um deles representando uma das grandes religiões que contribuíram para a constituição da Humanidade atual e cujo seguimento marca a linha de evolução por ela descrita no ciclo presente, desde o Egito Antigo e dos primeiros tempos arianos. Assim, vê-la-emos sair não de uma exposição abstrata e escolástica, mas da alma em fusão destes grandes inspirados e da ação viva da História.

Nesta série, Rama mostra apenas as imediações do templo; Krishna e Hermes dão a sua chave. Moisés, Orfeu e Pitágoras revelam o seu interior. Jesus é a representação do seu santuário.

Este livro saiu inteiramente de uma sede ardente, da verdade superior, total e eterna, sem a qual as verdades parciais são apenas um engodo. Irão entender-me aqueles que têm, como eu, a consciência de que o momento atual da História, com as suas riquezas materiais, é somente um deserto triste do ponto de vista da alma e das suas aspirações imortais. A hora é das mais graves e as consequências extremas do agnosticismo começam a fazer-se sentir por força da desorganização social. Tanto para a nossa França como para o resto da Europa, trata-se de uma questão de ser ou de não ser. É uma questão de assentar sobre as suas bases indestrutíveis as verdades centrais e orgânicas, ou de cair definitivamente no abismo do materialismo e da anarquia.

A Ciência e a Religião, estas guardiãs da civilização, perderam ambas o seu dom supremo, a sua magia, a da educação grandiosa e forte. Os templos da Índia e do Egito produziram os maiores sábios da Terra. Os templos gregos moldaram heróis e poetas. Os apóstolos de Cristo foram mártires sublimes e geraram milhares deles. A Igreja da Idade Média, apesar da sua teologia primária, criou santos e cavaleiros, porque era crente e porque, em estremecimentos, o espírito de Cristo abalava-a. Atualmente, nem a Igreja prisioneira do seu dogma nem a Ciência encerrada na matéria sabem fazer homens completos. Perdeu-se a arte de criar e de formar as almas, e esta só será recuperada quando a Ciência e a Religião, refundidas numa força viva, se empenharem nisso em conjunto e de comum acordo, pelo bem e pela salvação da Humanidade. Para isso, a Ciência não precisaria de mudar de método, mas de alargar o seu domínio, nem

o cristianismo precisaria de mudar de tradição, mas de entender as suas origens, o seu espírito e o seu alcance.

Estamos convictos de que esta época de regeneração intelectual e de transformação social há de chegar. É já anunciada por presságios certos. Quando a Ciência souber, a Religião puder e o Homem agir com uma energia nova. A Arte da vida e todas as artes apenas podem renascer pelo entendimento.

Contudo, entretanto, o que fazer deste fim de século que se assemelha à descida para um abismo, num crepúsculo ameaçador, quando o seu início parecera a subida aos cumes livres num amanhecer luminoso? – A fé, disse um homem muito douto, é a coragem da mente que se atira para a frente, segura de encontrar a verdade. Essa fé não é inimiga da razão, mas o seu facho; é a de Cristóvão Colombo e de Galileu, que quer a prova e a contraprova, *provando e riprovando*, e a única hoje possível.

Para aqueles que a perderam irrevogavelmente, e são muitos – pois o exemplo veio de cima e o caminho é fácil e bem delineado –, seguir a corrente da época, suportar o seu século, em vez de lutar contra ele, resignar-se à dúvida ou à negação, consolar-se de todas as desgraças humanas e dos cataclismos futuros com um sorriso desdenhoso, e cobrir o nada profundo das coisas – no qual apenas se acredita – com um véu brilhante que se enfeita com o belo nome de «ideal» – pensando que se trata somente de uma quimera útil.

Quanto a nós, pobres crianças perdidas, que acreditamos que o Ideal é a única Realidade e a única Verdade num mundo em mudança e fugaz, que acreditamos na sanção e no cumprimento das suas promessas, tanto na História da Humanidade como na vida futura, que sabemos que essa sanção é necessária, que é a recompensa da fraternidade humana, como a razão do Universo e a lógica de Deus; para nós, que temos esta convicção, existe apenas um partido a tomar: afirmemos esta Verdade sem receio e tão alto quanto possível; atiremo-nos por ela e com ela para a arena da ação e, por cima desse amontoado confuso, tentemos penetrar por via da meditação e da iniciação individual no Templo das Ideias imutáveis, para aí nos armarmos dos Princípios inabaláveis.

Foi o que tentei fazer neste livro, com a esperança de que outros se seguirão a mim e farão melhor do que eu.

LIVRO PRIMEIRO

RAMA

O CICLO ARIANO

Zoroastro perguntou a Ormuz, o Grande Criador: Quem foi o primeiro homem a quem falaste? Ormuz respondeu: Ao belo Yima, aquele que estava à frente dos Corajosos. Disse-lhe que velasse pelos mundos que me pertencem e dei-lhe um gládio de ouro, uma espada para a vitória. E Yima avançou a caminho do Sol e reuniu os homens corajosos no célebre Airyana-Vaeja, criado puro.

ZendAvestá (Vendidad – Sadé, 2.^a Fargard)

Ó Agni! Fogo sagrado! Fogo purificador! Tu que dormes na lenha e sobes em chamas brilhantes sobre o altar, és o coração do sacrifício, o voo ousado na prece, a centelha divina oculta em todas as coisas e a alma gloriosa do Sol.

Hino Védico

Capítulo Um

AS RAÇAS HUMANAS E AS ORIGENS DA RELIGIÃO

— **O** Céu é o meu Pai, porque ele me gerou. Tenho por família toda esta corte celeste. *A minha Mãe é a grande Terra. A parte mais alta da sua superfície é a sua matriz; o Pai nela fecunda o seio daquela que é a sua mulher e a sua filha.*

Eis o que cantava o poeta védico, há quatro ou cinco mil anos, diante de um altar feito de terra, no qual ardia uma pira de ervas secas. Um vaticínio profundo, uma consciência grandiosa, transpira nestas palavras estranhas – palavras que encerram o segredo da dupla origem da Humanidade.

Anterior e superior à Terra é o tipo divino do Homem; celeste é a origem da sua alma. O seu corpo, esse, é o produto dos elementos terrenos fecundados por uma essência cósmica. Na linguagem dos Mistérios, os amplexos de Urano e da grande Mãe significam torrentes de almas ou de mónades espirituais que vêm fecundar os germes terrenos; os princípios organizadores sem os quais a matéria não mais seria do que massa inerte e difusa. A parte mais alta da superfície terrestre, à qual o poeta védico chama matriz da Terra, designa os continentes e as montanhas, ambos berços das raças humanas. Quanto ao Céu – *Varuna*, o Urano dos Gregos –, representa a ordem invisível, hiperfísica, eterna e intelectual, e abrange o Infinito do Espaço e do Tempo.

Neste capítulo, consideraremos apenas as origens terrenas da Humanidade, segundo as tradições esotéricas confirmadas pela ciência antropológica e etnológica dos nossos dias.

As quatro raças que hoje partilham o globo são filhas de lugares e de regiões diversas. Lentamente, foram ocorrendo criações sucessivas, elaborações da Terra em movimento, e os continentes emergiram dos mares, em intervalos de tempo consideráveis, a que os antigos sacerdotes da Índia chamavam ciclos interdiluvianos. Ao longo de milhares de anos, cada continente produziu a sua flora e a sua fauna, coroadas por uma raça humana de cor diferente.

O continente austral, submerso no último grande dilúvio, foi o berço da primitiva raça vermelha, da qual os índios da América são apenas os resquícios provindos de trogloditas que chegaram ao cimo das montanhas quando o continente que habitavam se desmoronou. África é a mãe da raça negra, chamada etíope pelos Gregos. A Ásia trouxe para a luz a raça amarela, que se mantém nos Chineses. A última a surgir, a raça branca, saiu das florestas da Europa, entre as tempestades do Atlântico e os sorrisos do Mediterrâneo. Todas as variedades humanas resultam das misturas, das combinações, das degenerescências ou das seleções destas quatro raças. Nos ciclos precedentes, a raça vermelha e a raça negra reinaram sucessivamente, por força de poderosas civilizações que deixaram traços tanto nas construções ciclópicas como na arquitetura do México. Os templos da Índia e do Egito conservavam códigos e tradições sumárias destas civilizações desaparecidas. No ciclo em que nos encontramos hoje, é a raça branca que domina, e, se avaliarmos a provável antiguidade da Índia e do Egito, poderemos deduzir que a sua preponderância data de há sete ou oito mil anos.¹

Segundo as tradições brâmanes, a civilização terá começado na Terra com a raça vermelha, no continente austral, há 50 mil anos, quando toda a Europa e uma parte da Ásia estavam ainda submersas. Estas mitologias falam também de uma raça anterior – de gigantes. Em algumas cavernas do Tibete foram encontrados ossos humanos de proporções gigantescas, cuja formação se assemelha muito mais ao macaco do que ao homem. Estão relacionados com uma humanidade primitiva, intermédia, ainda vizinha da animalidade, ainda

¹ Esta divisão da Humanidade em quatro raças sucessivas e originais já era admitida pelos mais antigos sacerdotes do Egito. São representadas por quatro figuras de tipos e cores diferentes nas pinturas do túmulo de Seti I, em Tebas. A raça vermelha chama-se Rot; a raça asiática, de cor amarela, Ámon; a raça africana, de cor negra, Halásio; a raça líbio-europeia, de cor branca e cabelos loiros, Tamahu. (Cf. Lenormant, *Histoire des peuples d'Orient*, I.)

não detentora de uma linguagem articulada, nem de organização social nem de religião. Porque estas três coisas brotam sempre ao mesmo tempo; eis então o sentido desta notável tríade bárdica, que diz: «Há três coisas primitivamente contemporâneas – Deus, a luz e a liberdade.» Com o primeiro balbucio da palavra, nasce a sociedade e a vaga suspeita de uma ordem divina.

É o sopro de Jeová na boca de Adão, o verbo de Hermes, a lei do primeiro Manu, o fogo de Prometeu. Estremece um Deus no fauno humano. A raça vermelha, como dissemos, ocupava o continente austral hoje submerso e a que Platão chamou Atlântida, de acordo com as tradições egípcias.

Esse continente foi parcialmente destruído por um grande cataclismo, que dispersou os destroços. Várias raças polinésias, assim como os indígenas da América do Norte e os Astecas, que Pizarro encontrou no México, são sobreviventes dessa raça vermelha cuja civilização, para sempre perdida, estava então nos seus dias de glória e de esplendor material. Esses pobres retardatários carregam na alma a melancolia incurável das velhas raças que definham sem esperança.

Depois da raça vermelha, foi a raça negra que dominou o globo. É preciso procurar o tipo superior não no negro fruto de degeneração, mas no abissínio e no núbio, nos quais se conserva o molde desta raça que um dia atingiu o apogeu. Em tempos pré-históricos, os negros conquistaram o sul da Europa, tendo sido depois rechaçados pelos brancos. A sua presença está completamente apagada nas tradições populares atuais.

No entanto, por ali deixaram duas marcas indeléveis: o horror ao dragão, o emblema dos seus reis, e a ideia de que o Diabo é negro. Os negros devolveram o insulto à raça rival tornando branco o seu próprio Diabo.

No tempo da sua soberania, os negros tiveram centros religiosos no Alto Egito e na Índia. As suas cidades ciclópicas guarneciam as montanhas de África, do Cáucaso e da Ásia Central. A sua organização social consistia numa teocracia absoluta. No seu ápice, os sacerdotes, que eram temidos como deuses; cá em baixo, as tribos inquietas, sem família reconhecida, as mulheres escravas. Estes sacerdotes tinham conhecimentos profundos – do princípio da unidade divina do Universo e do culto dos astros, que, sob o nome de *sabeísmo*, se

infiltrou entre os povos brancos.² Mas entre a ciência dos sacerdotes negros e o fetichismo grosseiro das massas não havia, em absoluto, qualquer intermediário, nem arte idealista nem mitologia sugestiva. De resto, uma indústria já adiantada, sobretudo a da arte de manejar massas de pedras colossais com recurso à balística e a da fusão de metais em fornalhas imensas, nas quais trabalhavam os prisioneiros de guerra. Nesta raça, poderosa pela resistência física, pela energia passional e pela capacidade de dedicação, a religião foi, no entanto, o reinado da força pelo terror. A Natureza e Deus quase não se revelam na consciência daqueles povos infantis, a não ser sob a forma do dragão, o terrível animal antediluviano que os reis mandavam pintar nas suas bandeiras e que os sacerdotes esculpiam no alto da porta dos seus templos.

Se o Sol africano fomentou a raça negra, dir-se-ia que os gelos do Ártico testemunharam a eclosão da raça branca. São os hiperbóreos dos quais fala a mitologia grega. Estes homens de cabelos ruivos e olhos azuis vieram do Norte através das florestas iluminadas por clarões boreais, acompanhados de cães e renas, comandados por chefes intrépidos e conduzidos por mulheres videntes. Cabeleiras de ouro e olhos azuis, cores predestinadas. Esta raça haveria de inventar o culto do Sol e do fogo sagrado, e traria ao mundo a nostalgia do céu. Ora se revoltaria contra ele até querer assaltá-lo, ora se prostraria diante dos seus esplendores em absoluta adoração.

À semelhança das outras raças, a branca também teve de se livrar do estado selvagem, para depois tomar consciência de si. As suas características distintivas são o gosto pela liberdade individual, a sensibilidade meditada, que gera o poder da simpatia, e a predominância do intelecto, que atribui à imaginação uma aparência idealista e simbólica. A sensibilidade anímica motivou a dedicação, a preferência do homem por uma única mulher; daí a tendência desta raça para a monogamia, para o princípio conjugal e para a família. A necessidade de liberdade, somada à sociabilidade, deu origem ao clã com o seu princípio eletivo. A imaginação ideal criou o culto dos antepassados, raiz e centro da religião dos povos brancos.

² Consultar os historiadores árabes, assim como Aboul-Ghazi, história genealógica dos Tártaros, e Mohammed-Mohsen, historiador dos Persas. (Cf. William Jones, *Asiatic Researches*, I, capítulo «Discurso sobre os Tártaros e os Persas».)

O princípio social e político manifesta-se no dia em que alguns homens semisselvagens, perseguidos por uma multidão inimiga, se reúnem instintivamente e escolhem o mais forte e o mais inteligente de entre eles para que os defenda e comande. Nesse dia, nasceu a sociedade.

O chefe é um rei em potência, e os seus companheiros, os futuros nobres; os velhos que deliberavam, mas que eram incapazes de marchar, formam já uma espécie de senado, ou assembleia, dos anciãos.

E como terá nascido a religião? Dizem que foi do temor do homem primitivo diante da Natureza. Mas o temor nada tem em comum com o respeito e com o amor. Não liga o facto à ideia, o visível ao invisível, o homem a Deus. Enquanto não fez senão tremer diante da Natureza, o Homem não foi Homem. Fez-se Homem no dia em que percebeu o liame que o prendia ao passado e ao futuro, a algo de superior e benigno, e passou a adorar esse mistério desconhecido. Todavia, de que maneira o adorou pela primeira vez?

Fabre d'Olivet levantou uma hipótese genial e sugestiva sobre a forma como se terá estabelecido o culto dos antepassados na raça branca.³ Num clã belicoso, dois guerreiros rivais discutem. Furiosos, batem-se; e já estão atracados quando uma mulher desganhada se atira para o meio deles e os separa. É irmã de um deles e mulher do outro. Os seus olhos faíscam, a sua voz tem a tónica do comando. Grita com palavras ofegantes, incisivas, que ouviu na floresta ao Antepassado da raça; o guerreiro vitorioso de outrora, o herói, aparecerá-lhe. E ele não quer que dois guerreiros irmãos lutem entre si, mas que se unam contra o inimigo comum.

– Foi a sombra do grande Antepassado, foi o herói que me disse – clama a mulher, exaltada. – Falou comigo! Eu vi-o!

E acredita no que diz. Convencida, convence. Emudecidos, assombrados e como que aterrados por uma força invencível, os adversários dão-se as mãos, reconciliados, e olham para aquela mulher inspirada como se tivessem diante de si uma espécie de divindade.

Sugestões como estas, seguidas de bruscas mudanças, devem ter sido numerosas e das mais diversas formas na vida pré-histórica da raça branca.

³ Cf. *Histoire philosophique du genre humain*, tomo I.